

Intro

Somos argila do divino manguê
Suor e sangue
Carne e agonia
Sangue quente, noite fria
A matéria é escrava do ser livre
A questão não é se estamos vivos (negro)
É quem vive
Capitães de Areia não sentem medo de nada
E essa altura do enredo
A Asa Branca dança no lago do Cisne Negro
Pretos de terno sem ser no emprego
Meus pretos de terno em festas que não sejam enterro
Meu fim é doloso
Jovem preso em espírito idoso
Medroso, me jogo no mar
Aquário de Iemanjá
O sol nasce no Rio Vermelho
Me olho no espelho embriagado
De volta ao centro
A poesia habita o trago
Observo o estrago do silêncio
A boemia em seu maldito vício
Parei no precipício do último maço
Último abraço
Minha imaginação, meu asilo
Sabendo que melhor que sentir o beijo
É a sensação antes de senti-lo
Senti Exu, virei Exu
Esse é o universo no seu último cochilo